

RELATÓRIO DA MESA REDONDA 1:

Orientações filosóficas da Pesquisa Qualitativa e procedimentos metodológicos assumidos nas áreas das ciências exatas, humanas, da saúde e educação

Dia: 25 de março de 2004 – quinta-feira, das 13h30 às 18h00, com intervalo de 15 min.

Coordenação: Prof. Egberto Ribeiro Turato. UNICAMP – Brasil

Temas e relatores:

- 1) *A investigação fenomenológica na matemática.*
Prof. Dr. Jairo José da Silva - UNESP - Brasil.
- 2) *A Pesquisa qualitativa na área da saúde: relevâncias e características.*
Prof. Dr. Ricardo Pietro. Duke University - USA.
- 3) *O Interacionismo simbólico nas investigações lingüísticas: características e procedimentos.*
Profa. Dra. Glória Maria Palma. USC - Brasil.
- 4) *Procedimentos embasados na dialética em pesquisas educacionais.*
Prof. Dr. Celestino Alves da Silva. UNESP - Brasil.
- 5) *Investigações etnometodológicas em Educação.*
Profa. Dra. Sônia Maria Clareto. UFJF - Brasil.
- 6) *A investigação historiográfica.*
Prof. Dr. Sérgio Roberto Nobre. UNESP - Brasil/Alemanha.

Exposição sobre pensamento que marcou a Mesa:

Nunca se classifique como exagero a busca da complementação de escolas de pensamento entre si, mas, pelo contrário, devemos entender que o autêntico pensador/educador/pesquisador deva ter uma opção pelo eclético. Deve agir em seu trabalho de forma conseqüente, manifestando assim o que podemos chamar de boa saúde do pensamento. É crucial ter uma visão e uma atitude que levem a unir teses diversas num nível superior, novo e fecundo.

Podemos dizer, a um nível crítico, que, para um trabalho de investigação, todos os fenômenos levantados em relação ao ser humano - tornando-os, portanto, conhecidos -, se não forem devidamente tratados e interpretados, utilizando-se das ferramentas que à mão tivermos, tornar-se-ão inúteis.

Por outro lado, advertimos aos pesquisadores iniciantes (e também aos veteranos) a se precaverem de não se fixar em algum dos extremos do pêndulo no percurso entre o psicologismo e o sociologismo. Nem se deixar hipnotizar pelo seu movimento, a ponto de perder a crítica sobre qual é seu referencial eleito. Na busca de uma cosmovisão, o pesquisador poderá ficar perdido ao invés de trilhar o caminho da desejada interdisciplinaridade.

Assim, devemos preservar o anseio por ter um construto elaborado, visando a propor soluções ao maior número de problemas que incomodam a existência humana e que tenha certos

pressupostos como básicos. Estes dão amplo abrigo às respostas esperadas. Deste modo, evitamos cair no que costumamos chamar de armadilha dos “ismos”: os extremismos na forma de se pensar certas áreas do saber. Constitui-se em atitudes que mais têm a ver com os fenômenos de fixação: incapacidade neurótica de voar com o pensamento.

Lembramos inicialmente do *psicologismo*, termo visto pejorativamente. É entendido como o método para compreender a vida social considerada como sistemas sociais nada mais que um agregado de indivíduos. A crítica é pertinente, à medida que, para se compreender um certo sistema social como objeto de pesquisa, bastaria, neste entendimento reducionista, estudar características pessoais (psicológicas) de alguns indivíduos que o compõe.

Psicologismo também tem seu abuso no sentido de dar ênfase desmedida a fatores psicológicos no desenvolvimento de uma teoria, como em história ou filosofia. É esta a tendência a fazer prevalecer o ponto de vista psicológico sobre o de outra ciência, usando o código “psicologuês”: esta linguagem muitas vezes pedante, estereotipada com tantas expressões puxadas da psicologia.

Entretanto, há o *sociologismo*, termo “esquecido” sem surpresa pelo discurso enviesado por cientistas sociais partidários, uma atitude aparentemente menos comum à medida que queremos nos voltar para a questão de como se relacionam indivíduos e sistemas sociais.

No entanto, consta de dicionários o termo “sociologuês”, assinalado como irônico, entendido como o linguajar excessivamente tecnicista de certos sociólogos. Fica a advertência para que ganhe status de doutrina teórica, pretendendo explicar todos os problemas da filosofia, psicologia, religião, artes na redução à estrutura e às formas de organização social a que pertencem os fenômenos humanos.

Todo este assunto, na realidade, nos deveria fazer pensar nas atitudes de pessoas e grupos e sua tendência de se agarrar a uma perspectiva e negar a possibilidade de outras, com conseqüente incapacidade (intelectual e prática) de trabalhar em convívio com outras cosmovisões.

Sairíamos ganhando mais se as ciências psicológicas e as ciências sociais dessem as mãos. Procuremos pontuar aos prezados congressistas que o objetivo maior de todas as disciplinas é o de apresentar soluções aos problemas que de qualquer modo afetam o Homem. Que os mentores e construtores do conhecimento não as construam em litígio, mas esforcem-se para que cada disciplina se desenvolva em interação e complementação com as demais, segundo a utopia da interdisciplinaridade.

As disputas mais confundem do que favorecem. É preciso ver que um caso, uma situação, um comportamento ou, enfim, um certo fenômeno pode ser ora mais bem entendido à luz de uma teoria ou de uma escola científica, ao passo que um outro fenômeno vem a apresentar características tais que, naquele momento, outro referencial teórico faz nossa consciência apreendê-lo melhor e nos traz soluções mais úteis.

Prof. Egberto Ribeiro Turato

Campinas, 15 de abril de 2004.